

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO TECNOLOGIA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL¹

*HEALTH EDUCATION: THE EDUCOMMUNICATION AS
A TECHNOLOGY FOR SOCIAL MOBILIZATION*

CLAUDEMIR EDSON VIANA²

JADE GONÇALVES CASTILHO LEITE³

RESUMO

O artigo apresenta os indicadores avaliativos encontrados na pesquisa de Iniciação Científica com título homônimo sobre a formação em Educomunicação oferecida pelo Educom.Saúde-SP, e como a prática da educação em saúde, enquanto política pública, pode contribuir para a prevenção de doenças e uma melhor relação entre profissionais da área e a população atendida. A análise foi feita a partir da observação, coleta de dados e entrevistas com profissionais e especialistas em 2020 e 2021. A pesquisa apresenta a educomunicação como uma tecnologia de mobilização social para a educação em saúde na atuação individual e coletiva dos profissionais na viabilização da cidadania da comunidade.

Palavras-chave: Educomunicação; Saúde; Tecnologia; Mobilização Social

Introdução

A partir do pressuposto da comunicação como um processo da troca e do compartilhamento de informações, a educomunicação surge como a interface e relação dialógica entre a comunicação e a educação. A comunicação, palavra derivada do latim *communicare* que significa tornar comum, partilhar, trocar, constitui-se como uma atividade educativa, pois através dela é possível compartilhar experiências, ideias, sentimentos e atitudes entre pessoas de uma mesma geração ou de gerações diferentes.

A educomunicação, além de unir os dois conceitos, estabelece uma relação interdependente entre eles. O neologismo educomunicação, nesse sentido, não apenas significa a união entre as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro aspecto: a ação. Em 2021, o termo educomunicação também foi incluído no vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) por meio do projeto Novas Palavras da Academia Brasileira de Letras (ABL). De acordo com a organização, o termo designa o conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver

1 Este artigo se trata de uma versão ampliada e revista do trabalho que foi apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Docente e pesquisador da Licenciatura em Educomunicação e Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo. Coordenador do Núcleo de Comunicações e Educação da USP e Secretário Executivo da ABPEducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação.

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), licenciada em Educomunicação pela mesma universidade e formada em jornalismo pela PUC-Campinas. Atua como assessora de comunicação da Fundação Carlos Chagas.

ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão. Além disso, segundo a definição da ABL para o neologismo, a educomunicação também é a formação e atividade profissional do educador relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.

Por isso, pode-se dizer que o domínio desse paradigma e atividade é um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construção de saberes, sendo também um espaço para ações e experiências que levam a saberes ou partem deles para outros. A educação só é possível enquanto ação comunicativa, uma vez que a comunicação se configura como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano.

Toda comunicação, enquanto produção simbólica e intercâmbio de transmissão de sentidos é em si uma ação educativa. Uma comunicação dialógica e participativa, no espaço de ecossistema comunicativo entre professor, aluno e comunidade, contribui para a prática educativa e, conseqüentemente, o aumento da motivação por parte dos educandos, a maximização das possibilidades de aprendizagem, da tomada de decisão e da mobilização para ação.

Ao pensar na comunicação, é possível traçar o conceito de ecossistemas comunicativos, na maneira como sujeitos de um determinado espaço se relacionam e dialogam. O termo se relaciona com um espaço de aprendizagem que deve preservar o seu encanto de encontro dialógico. Quando a concepção de aprendizagem e de comunicação se dá pela ideia da dialogicidade e da ação em rede, temos um ecossistema comunicativo e educacional (Sartori, 2021).

A educomunicação ao reconhecer e dividir preocupações se situa em um local de interface. Sua função é a de qualificar relações através de pressupostos, como democracia, dialogicidade, expressão comunicativa e gestão compartilhada dos recursos de informação (Soares, 2000). Outro conceito chave nesse novo campo profissional é o de ecossistema comunicativo usado para designar as teias de relações das pessoas, meio ambiente, tecnologias, cultura, elementos que convivem nos espaços onde esses conjuntos de relações são implementados. Assim, o campo de atuação educacional não diz respeito imediato ou especificamente à educação formal e nem ao uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), mas sim se apresenta como um espaço de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito.

Ao longo da década de 1990, núcleos de extensão de universidades e ONGs, voltadas para o uso de mídia em formação de jovens e crianças, difundiram metodologias de abordagem para práticas de educação para a mídia. Assim foi percebido que o exercício de produzir conteúdo comunicativo de forma democrática e participativa, por parte de crianças, jovens e adultos, representa um diferencial em relação a outras experiências.

E foi com base nesse pressuposto que o Projeto Educom.Saúde-SP, ao pensar a educação em saúde no apoio das políticas públicas, foi criado na parceria entre a Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN), órgão da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo, o Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE) e a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom).

A formação atuava como uma introdução à educomunicação para os profissionais da saúde do Estado e com o intuito de motivá-los para a ação pedagógica, dialógica e problematizadora com a comunidade atendida. O projeto foi desenvolvido em 2019 com 224 profissionais da área, e reuniu resultados e informações para sequenciamento e aprimoramento da formação nos anos 2020 e 2021.

Com apresentação dos conceitos trabalhados, a comunicação e a educação enquanto aportes teóricos e práticos existentes e a metodologia trabalhada durante o projeto, este trabalho busca reforçar a importância da troca entre conhecimentos, experiências e diálogo na área da educação em saúde no relacionamento com a comunidade atendida, público-alvo da ação de preservação da vida e do bem-estar feita por esses profissionais.

A proposta do projeto Educom.Saúde-SP e do projeto de pesquisa em torno da formação de profissionais da saúde, apresenta a educomunicação enquanto uma tecnologia de mobilização social utilizada no enfrentamento do desafio de se promover uma mobilização dos agentes da Secretaria de Saúde do estado para a implantação das diretrizes de vigilância, bem como visa a promoção da mobilização da comunidade por meio de projetos de intervenção educacional.

A eficácia da interface entre comunicação e educação se aplica, não somente pela atuação individual dos profissionais envolvidos nessa prática educacional, mas também pela mobilização de especialistas em promover e envolver professores, alunos, membros das comunidades locais, técnicos e a formação de uma quantidade considerável de sujeitos nessa proposta metodológica. Segundo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra e resgata a importância de se reconhecer os saberes dos sujeitos.

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações (Freire, 1989, p.22).

Nesse sentido, a pesquisa de iniciação científica caracterizou indicadores avaliativos da formação em educomunicação oferecida e aplicada a partir da observação, análise do curso, atuação dos cursistas em seus territórios e acompanhamento de tutores, assessores e coordenadores durante o período de formação e aplicação das atividades no território.

Com base na relevância da comunicação como instrumento intrínseco dos trabalhadores de saúde e da necessidade de implementação da comunicação dialógica pautada na relação de troca e intercâmbio de saberes, a educomunicação surge como mecanismo para auxiliar o processo de compartilhamento e ajuda entre o trabalhador de saúde e o usuário assistido, de forma a estabelecer um processo de ajuda ao indivíduo e à família.

A educomunicação tem sido adotada como um caminho de aprendizagem colaborativa em ações que envolvem especialmente a educação e a sustentabilidade. A presença da prática educacional em áreas como a da saúde se volta às práticas sociais, pensando em um aprendizado que dialoga com as necessidades de mobilização em torno a temas de interesse coletivo, atuando como uma tecnologia social, ao explicitar seu potencial em mobilizar e comandar atitudes designadas como participativas, dialógicas e criativas (Soares; Viana; Ferreira, 2021).

Sob essa perspectiva, é possível apontar a educomunicação enquanto uma prática educativa para liberdade. De acordo com hooks (2017), a educação como prática de liberdade significa, ou seja, um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender, uma educação progressista e

holística, uma pedagogia engajada que reverbera. Desse modo, a conversão da comunicação em instrumento necessário à conjuntura do trabalho assistencial da saúde constitui um desafio a ser respondido a partir das demandas dos usuários, e a ser enfrentado pelos profissionais da área com diversas outras áreas de conhecimento, com o intercâmbio e a relação com outros profissionais, visando um cuidado integral.

Objetivos formativos

O projeto Prática de Formação em Saúde, apresentado neste artigo, estruturou-se em torno das cem horas em serviço oferecidas pelo curso Educom.Saúde-SP sobre educomunicação para profissionais da área da saúde do Estado de São Paulo. O objetivo do trabalho se baseou na análise da formação oferecida e na observação dos indicativos e retornos obtidos dos cursistas em decorrência do curso proposto e de aplicações em seus territórios.

Além disso, um importante eixo da pesquisa foi dedicado, também, ao próprio estudo e análise do Projeto, sua plataforma digital e as formações oferecidas durante a etapa presencial no ano de 2019, o trabalho realizado durante a formação remota adotada em 2021, e propostas de aperfeiçoamento para a continuidade nos anos seguintes. Outro eixo da pesquisa buscou delimitar uma amostra de profissionais e municípios para um estudo aproximado, permitindo assim encontrar indicadores avaliativos sobre mudanças promovidas na atuação dos profissionais de saúde em seus territórios de trabalho, quanto à educação em saúde da comunidade.

Em meados de 2018, a ABPEducom promoveu o curso de extensão de aperfeiçoamento em educomunicação, do qual participou Irma Neves, que então integrava a equipe da Secretaria da Saúde do estado de São Paulo. Este curso contou com professores e pesquisadores especialistas, também pesquisadores colaboradores do NCE/USP, além de alguns docentes de Licenciatura em Educomunicação e Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

Com o desenvolver das aulas, foi proposta a tarefa de elaborar um projeto de intervenção social por meio da educomunicação, como parte dos requisitos de avaliação. A ideia era levar seus princípios e suas práticas para a área da saúde. O projeto Educom Saúde-SP tem por escopo a capacitação em serviço, de profissionais da saúde do estado e de municípios de São Paulo, para a incorporação dos princípios da educomunicação em sua prática de trabalho. Como parte da formação propõe-se a elaboração do plano de intervenção denominado Plano Conjunto de Ações Educomunicativas em Saúde (PCA). O PCA deve ser implementado após a conclusão da formação, e busca atender as necessidades do território, com base no diagnóstico de contexto e com o apoio da rede local de aliados.

Inicialmente, em 2019, as atividades e aulas eram feitas na modalidade semipresencial, mas com o advento da pandemia de Covid-19, nos anos 2020 e 2021 o conteúdo programado foi adequado para um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O primeiro grande desafio do Educom Saúde SP foi replanejar a formação para ações somente a distância, optando por providenciar a produção de material em diversas linguagens para compor o curso. Foi necessário repensar todo material para a estruturação do curso no ambiente virtual, como os vídeos, as atividades de interação, os objetos pedagógicos digitais, as ferramentas e formulários dos exercícios.

A partir da formação educomunicativa para a atuação em saúde e o diálogo com formadores e educandos, profissionais da área participantes do Educom.Saúde-SP, foram mapeados indicadores avaliativos, apresentados neste artigo, a respeito do processo de aprendizagem, seus resultados e seus pontos de aplicação prática.

Aspectos metodológicos

O projeto teve como metodologia a pesquisa participante, com leitura e análise de relatórios obtidos da coordenação da Secretaria de Saúde, contato com atores da equipe promotora do projeto, cursistas, assessores, tutores, especialistas e coordenadores. Foram adotadas técnicas de registro, análise, viabilização e sistematização das informações coletadas em documentos e durante reuniões, webinar e entrevistas com responsáveis. Durante os meses iniciais de pesquisa, foi proposto o acesso e análise do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Projeto Educom.Saúde-SP 2020, idealizado para a formação na modalidade de Educação à Distância (EaD). A partir dessa reflexão inicial do conteúdo, notou-se a presença de diversos recursos disponíveis para a formação do cursista, como os podcasts, textos de apoio, midateca e espaço para comunicação com especialistas e tutores, fundamentais para o processo de aprendizagem e prática educomunicativa dos profissionais da saúde em seu campo de atuação.

As reuniões quinzenais entre coordenadores, especialistas e tutores do projeto promovidas nos dias 4 e 11 de novembro de 2020 também foram observadas para acompanhamento do andamento da formação remota, aplicação de atividades e planejamento da entrega pelos cursistas dos Planos Conjuntos de Ação Educomunicativa em Saúde (PCA's).

Um dos aspectos apontados para a investigação e pesquisa do projeto de iniciação científica foi a análise e exposição do trabalho de assessoria feito com os cursistas egressos das edições iniciais e interlocutores. O trabalho da assessoria foi pensado e iniciado em 2020 como uma forma de troca e permanência do acompanhamento com os veteranos e atuais educandos da formação. Em 2020, a condução do processo, em parceria com a coordenação da SUCEN, foi feita pela jornalista e educadora Tatiana Luz. Em entrevista feita em dezembro de 2021, foram expostas as ações realizadas durante o ano, as diferenças do processo realizado em 2019, as adequações feitas no curso por conta da pandemia de Covid-19, os ganhos alcançados no período e novas perspectivas.

Sobre o processo de assessoria, a equipe era composta por quinze interlocutores do Educom.Saúde-SP regionais, que realizaram o curso em 2019 e foram destacados para fazer a interlocução com os agentes de cada região do estado de São Paulo. Entre os aspectos observados pela assessora durante a entrevista foi a importância do trabalho de apoio aos cursistas, que será permanente para veteranos e novos formandos, e a transformação promovida na rotina de trabalho dos profissionais de saúde após a formação em educação e seu entendimento enquanto tecnologia de mobilização social.

Outro aspecto observado pelo trabalho da assessoria foram as oportunidades para os agentes de saúde refletirem sobre suas práticas profissionais, com a perspectiva de um olhar diferenciado para entender melhor os processos de comunicação e educação.

Assim, a Educomunicação oportuniza aos profissionais da saúde não só maior contato com ferramentas e tecnologias de comunicação e informação do contexto digital e em rede, mas também a compreensão sobre o potencial que tem o diálogo direto e respeitoso com a comunidade, e a entender que o trabalho deve ser feito “com” e não “para” as pessoas de um determinado território (Viana, Neves, 2021, p. 128).

Com a análise dos relatórios realizados com o preenchimento de formulários de avaliação pelos cursistas veteranos, foram percebidas mudanças de uso de recursos audiovisuais no dia a dia do trabalho do agente de saúde, a melhora da relação com a comunidade, o entendimento dela como parte do processo de combate às epidemias e a mudança de paradigma e do olhar em relação ao trabalho já realizado, e modificações positivas a serem implementadas com a formação.

Quadro 1: Etapas da pesquisa

Etapas da Pesquisa	Ano
Análise do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	2020
Análise da Proposta do Projeto Educom.Saúde-SP	2020
Pesquisa bibliográfica sobre a educomunicação como tecnologia de mobilização social	2020
Acompanhamento de reuniões entre tutores, especialistas, assessoria e coordenadores	2020
Leitura de relatórios com respostas dos formulários de avaliação dos cursistas	2020
Participação no II Seminário de Pesquisa em Educomunicação da ECA-USP	2020
Entrevista virtual com a assessoria do projeto	2020
Entrevistas via formulários com tutores e coordenadores	2021
Sistematização dos resultados obtidos através das entrevistas	2021
Definição de indicadores avaliativos para o Educom.Saúde-SP	2021
Redação e envio do relatório final do projeto de Iniciação Científica	2021
Apresentação do projeto de pesquisa no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)	2022

Fonte: Autoria da pesquisa

Já na etapa de finalização da pesquisa foram realizadas entrevistas com os agentes responsáveis pelo Projeto Educom.Saúde-SP. Para tal, foram elaborados formulários virtuais com perguntas abertas e de caráter reflexivo sobre o processo realizado e a formação promovida desde o ano de 2019 até o presente momento.

As entrevistas coletadas através dos questionários virtuais, por conta do contexto imposto pela pandemia de COVID-19 e o distanciamento social instalado desde março de 2020, foram fundamentais para o encontro de pontos de intersecção entre o trabalho promovido, os resultados alcançados e a chegada a indicadores avaliativos eficientes para o uso da coordenação. Todas as entrevistas foram avaliadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Departamento e não citam, nominalmente, nenhuma das fontes entrevistadas, com exceção da jornalista e assessora do projeto, Tatiana Luz. Entre as perguntas feitas para coordenadores e especialistas do projeto estão:

- Como surgiu a proposta do Educom.Saúde?
- Como é a estruturação do projeto de formação oferecido aos profissionais de saúde?
- Quais as principais mudanças observadas no trabalho dos cursistas após a participação na formação do Educom.Saúde-SP?
- Como a educomunicação pode contribuir para a atuação dos profissionais de saúde enquanto tecnologia de mobilização social?

Já para os tutores, o questionário foi composto pelas perguntas:

- Como foi o processo de contato com os cursistas?
- Qual foi a sua função como tutor durante a formação?
- Quais os ganhos que você pode observar após a formação?
- Quais impactos a formação em educomunicação pode trazer para o trabalho dos cursistas profissionais da saúde na sua percepção?

Educação em saúde: indicadores avaliativos em formação

Um dos principais objetivos da pesquisa foi a investigação e elaboração de indicadores avaliativos para o processo de formação de profissionais de saúde do Educom.Saúde-SP. Para a construção dos mesmos, foram acompanhadas reuniões com responsáveis pela coordenação e andamento do projeto, tutores, observação e análise de relatórios com avaliação dos cursistas e entrevistas com envolvidos na formação desde o processo de assessoria, acompanhamento dos formandos, coordenação e especialização em educomunicação.

Os indicadores avaliativos em projetos sociais, segundo Cohen e Franco (2002), contribuem para aumentar a racionalidade na tomada de decisões, identificando problemas, selecionando alternativas de solução, prevendo suas consequências e otimizando a utilização de recursos disponíveis. Esse tipo de mecanismo auxilia na avaliação da qualidade, impactos e mobilização social trazida com a formação em educomunicação oferecida para esses profissionais. Segundo Marino (1998), o papel da avaliação transcende a mera questão fiscalizadora ou controladora, abrangendo uma reflexão sobre a prática e o que deve ser feito com todos os envolvidos no processo. A avaliação de impacto de projetos como o Educom.Saúde permite uma análise sistemática das mudanças sustentadas que determinadas intervenções acarretam na vida das pessoas.

O desenvolvimento de indicadores é um dos instrumentos fundamentais para a construção do processo de avaliação. Podemos classificar as ferramentas de gestão social existentes de acordo com suas funções, como orientar, certificar, relatar e avaliar a atuação social. O conceito de avaliação apresenta significativa multiplicidade de abordagens, apresentando diversas perspectivas. De acordo com Marino (1998), a avaliação de projetos pode ser conceituada como um processo sistemático de delineamento, obtenção e fornecimento de informações úteis ao julgamento de alternativas de decisão sobre determinado objeto.

Assim, pode-se entender que a aprendizagem só é possível de ser avaliada a partir de um processo de ação e reflexão contínuos. A reflexão ocupa um papel fundamental: o de provocar mudanças nas ações dos indivíduos e construir momentos reflexivos, que permitam aos indivíduos a análise da realidade e dos fatos, direcionando, com isso, suas ações, aprendizados e experiências.

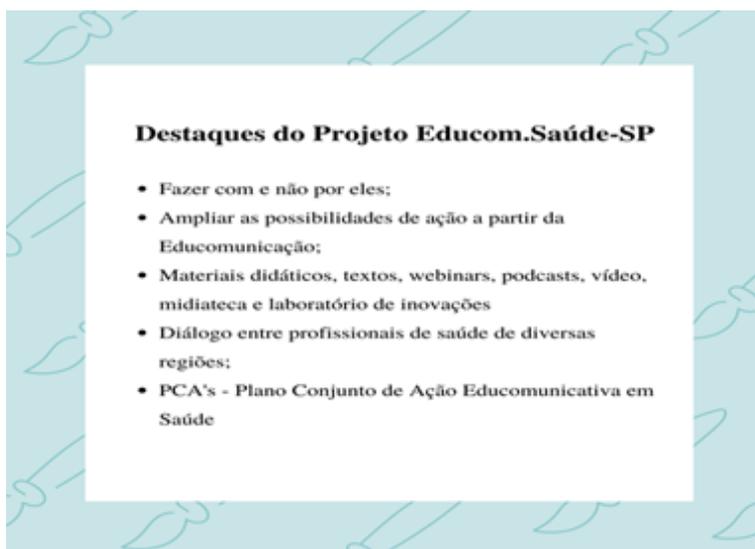
Em detrimento disso, o papel da avaliação transcende a mera questão fiscalizadora ou controladora, abrangendo uma intensa reflexão que deve ser feita com todos os envolvidos no processo, como o exercício feito neste projeto de pesquisa. Para Adulis (2002), a avaliação ainda é vista como uma atividade isolada, realizada geralmente ao término de um projeto. O desenvolvimento de indicadores é um dos instrumentos fundamentais para a construção do processo de avaliação. Os indicadores também podem ser entendidos como parâmetros qualitativos ou quantitativos, que servem para detalhar em que medida os objetivos de um projeto foram alcançados. Os mesmos são sinalizadores, que tem como intenção expressar, demonstrar uma realidade específica de forma que seja possível observar e obter dados mais concretos para melhorar a avaliação e formação oferecida.

Definição dos indicadores avaliativos

O período da pandemia fez surgir a necessidade de uma adaptação do modo de ministrar atividades, realizar eventos, promover formações e aulas em todo o mundo. Todos tiveram que se adaptar ao formato emergencial de ensino remoto por meio de recursos tecnológicos (internet, plataformas digitais, recursos virtuais e outros canais de comunicação).

Em março de 2020, quando o mundo se viu em meio a uma questão sanitária sem precedentes e uma pandemia que atingiu a todos, impactou muito o trabalho dos profissionais da área da saúde. Partindo desse ponto e com as análises já propostas anteriormente, e com o auxílio dos relatos dos membros envolvidos diretamente no processo de formação dos cursistas do projeto Educom.Saúde-SP, tornou-se possível definir indicadores avaliativos para serem aplicados aos cursistas participantes. O Quadro 1, a seguir, apresenta os pontos destacados em entrevistas com tutores e coordenadores, juntamente com relatórios das avaliações aplicadas aos educandos envolvidos no projeto.

Figura 1: Pontos levantados nas entrevistas e formulários de avaliação



Fonte: Autoria da pesquisa

Após o levantamento dos aspectos formais de mudança e mobilização social percebidos e registrados em avaliações e citados em entrevistas com membros do Educom.Saúde-SP, uma estratégia de elaboração de rubrica e indicação de avaliadores foi elaborada neste trabalho. As rubricas são um conjunto de escalas utilizado para avaliar um desempenho complexo e fornecer informações ricas para melhorá-lo, com cada critério associado a uma escala entre elemento e componente. Com as escalas e diversas classificações conseguimos descrever e estimar níveis de desempenho esperados (Jonassen; Peck; Wilson, 1999).

Para a elaboração e construção dessa rubrica de avaliação e dos indicadores avaliativos, é preciso definir a importância do assunto da rubrica, os principais elementos dela a serem avaliados, as classificações e os significados de cada uma delas. Os indicadores avaliativos e a rubrica proposta para o projeto Educom.Saúde-SP foi construída e baseada na reflexão e análise conjunta dos materiais de pesquisa disponíveis e das informações obtidas em reuniões, entrevistas e acompanhamentos de trabalho.

Quadro 2: Proposta de indicadores avaliativos do projeto Educom.Saúde-SP

Indicador Avaliativo	Insatisfatório	Parcialmente satisfatório	Satisfatório
Uso de recursos audiovisuais e novas estratégias de comunicação	Não houve aumento do uso dos recursos visuais e mudanças na comunicação	Houve aumento relativo do uso de recursos visuais e ferramentas de comunicação	Houve mudança na comunicação e produção de recursos audiovisuais pelos profissionais da saúde
Proximidade com a comunidade	Não houve mudança na relação com a comunidade	Houve mudança no relacionamento com a comunidade e aumento relativo da proximidade com a comunidade	Houve proximidade com a comunidade e maior comunicação entre agentes de saúde e população

Indicador Avaliativo	Insatisfatório	Parcialmente satisfatório	Satisfatório
Rede colaborativa	Não se estabeleceu uma rede colaborativa entre profissionais da saúde e comunidade	Se estabeleceu uma rede colaborativa entre profissionais da saúde e comunidade, mas não houve transformação ou mudança de atitude da população	Foi estabelecida uma rede colaborativa entre profissionais da saúde e comunidade com mudanças de atitude e transformação social com população coparticipante
Estrutura dos PCA's	Plano de Ação entregue não apresentou estrutura fundamentada e com previsão de ações efetivas	Plano de Ação entregue apresentou estrutura pouco fundamentada e superficialidade de ações efetivas	Plano de Ação entregue foi consistente e fundamentado com ações efetivas planejadas
Expansão da comunicação com os habitantes da área atendida	A comunicação entre agente de saúde e comunidade não apresentou melhora	A comunicação entre agente de saúde e comunidade não apresentou melhora significativa	A comunicação entre agente de saúde e comunidade apresentou melhora e maior troca de informações

Fonte: Autoria da pesquisa

Com a construção da rubrica avaliativa, dos indicadores presentes nela e os relatos coletados pela pesquisa, há a possibilidade de se relacionar e abordar uma das áreas de intervenção da educomunicação: a educação para a comunicação (Viana, 2017). Desde o início do projeto, elementos sobre a cultura midiática dos participantes e conteúdos iniciais sobre comunicação estavam presentes na atuação dos educadores, e de acordo com o plano de trabalho do projeto. Apesar das dificuldades encontradas nos contextos vividos, sempre ocorreu algum tipo de produção e diálogo entre os participantes, além da elaboração dos projetos práticos para cada realidade vivida pelo profissional, individualmente ou em grupo.

Considerações finais

A partir das premissas da educomunicação, sua relação como tecnologia de mobilização social e a formação oferecida pelo projeto Educom.Saúde-SP analisada nesta pesquisa de iniciação científica, foi possível apontar mudanças trazidas com a apresentação e incorporação das técnicas e estratégias educacionais no trabalho dos profissionais da saúde com a população no combate às arboviroses.

Com a pandemia de Covid-19 e as determinações de isolamento social, o projeto passou por modificações, como a adoção da formação em modalidade remota e a produção de conteúdos voltados especificamente para o uso no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) nesse contexto. Além disso, os encontros presenciais mensais também foram interrompidos.

Com o trabalho de assessoria e a atuação dos tutores com a elaboração de estratégias para mediação e contato virtuais, a formação foi continuada e a conclusão do processo de aprendizagem seguiu, durante o percurso formativo. A partir da reflexão sobre os materiais disponibilizados, a participação em reuniões virtuais com a coordenação e especialistas, entrevistas com membros da equipe e coleta de dados, foram elaborados indicadores avaliativos, voltados para a análise e apontamentos de resultados insuficientes, suficientes e expressivos, ademais possíveis modificações a serem feitas para melhorias do projeto.

Entre os pontos encontrados com as análises propostas, foi a criação de ecossistemas comunicativos, a criação de processos abertos e participativos, a gestão democrática dos processos de comunicação entre profissionais da saúde e comunidade, o protagonismo conjunto de ambos, a educação para a comunicação como parte essencial da leitura crítica da mídia e do que é veiculado sobre a área da saúde nos meios de comunicação e o envolvimento da população como sujeitos ativos em projetos de saúde pública e de prevenção às doenças.

A partir da pesquisa, foram identificadas novas perspectivas e estratégias trazidas pela educomunicação, como a importância da escuta ativa, a relevância da formação de uma rede colaborativa, o envolvimento dos habitantes das comunidades como sujeitos ativos em projetos de saúde pública e como participantes indispensáveis nos processos de mobilização dos grupos locais em favor das causas da saúde.

Com isso, através das reflexões propostas, entende-se que o universo da educomunicação, como tecnologia de mobilização social na promoção de políticas públicas, perpassa o processo educativo e comunicativo de aprendizado sobre a mídia e de leitura do mundo, a partir da promoção de um olhar crítico, um ambiente de mediação e troca equiparada entre os indivíduos, com o intuito de produzir conhecimento, gerar independência, autonomia, responsabilidade e, até mesmo, respeito e igualdade nas relações sociais.

Referências

- ADULIS, Dalberto. Como planejar a avaliação de um projeto social. **Apoio à gestão**. Rio de Janeiro, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989. (p. 9-14).
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- JONASSEN, David H.; PECK, Kyle L.; WILSON, Brent G. Learning with Technology: a constructivist perspective. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1999.
- MARINO, E. Manual de Avaliação de Projetos Sociais. São Paulo: IAS – Pedagogia Social, 1a edição, 1998.
- SARTORI, Ademilde Silveira. **Ecossistema educacional**: comunicação e aprendizagem em rede. Revista Linhas. Florianópolis, v.22, n.48, p.62-79, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19624>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- SOARES, Ismar Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; FERREIRA, Irma T. R. Neves. **Educomunicação nas políticas públicas de saúde no estado de São Paulo**: Projeto Educom.Saúde-SP* em tempos de COVID-19. BEPA - BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO PAULISTA (ONLINE), 2021;18 (208): 22-31.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, n. 19, p. 12-24, 2000.

VIANA, Claudemir Edson; NEVES, Irma. Qual educomunicação nas políticas públicas de saúde?. **Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios**, p. 123, 2021.

VIANA, Claudemir Edson. A educomunicação possível: práticas e teorias da educomunicação revisitadas por meio de suas práxis. In. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para diálogo intercultural**. Revista Comunicação e Educação, ABPEDUCOM, 2017, p. 925-943.